

A ENXURRADA



HAILIL LINHARES

1971. HL. AA. 001. 001 (2)

1971. HL. AA. 001. 001 (3)

A Marcio com beijo

Waldif Simões



A ENXURRADA

1971.H2.AA.001.001 (4)

1971.H2.AA.001.001 (5)

AUTORA: HAIDIL LINHARES

A ENXURRADA



CAPA: F. LIBERATO

1971

SALVADOR — BAHIA

A ENXURRADA

Bolas, bolas azuis, côr de rosa, vermelhas, verdes, amarelas, pretas, laranjas. O mundo gira, gira. Fôlhas sêcas caem, arrastam-se pelos passeios sem rumo certo. Céu todo azul, nuvens brancas parasitam pelo céu. Céu, inferno, edifícios, — mar por trás azul — azul ou verde? O colégio das freiras, a universidade, o pensionato, a comida, o quarto sem janela e tão escuro, o piano da vizinha, o dinheiro... sim, o dinheiro. É preciso pagar o pensionato, está atrasado, a dona já avisou pedindo desculpas, o custo de vida subiu. Os livros para comprar, a lavadeira, o filho da lavadeira doente, remédio... lá vem a ambulância em tôda disparada com a cirene pedindo passagem. É preciso salvar a vida... Que vida?... Vida, vivida, bem vivida? mal vivida? de quem a vida? Vida... vida... ah! sim, vida está presente. O professor faz chamada na aula. Presente! Ausente!... ausente, distante, a mulher estende a mão — uma esmola pelo amor de Deus, a criança no colo tem o olhar parado. Dizia o psicólogo: “Não fique triste, os olhos são na frente, olhe em frente, para adiante, a vida é luta, esquece o passado, levante a cabeça, olhe para frente, não seja covarde, o mundo é dos fortes.” Uma cidade limpa, é uma cidade civilizada, Civilizada... Civilização... História da Civilização, o autor fugiu à lembrança... edição esgotada, esgotada, esvaziada. Acabada... Fim. Esquece isso, olhe para frente.

Em frente, uma jumenta grávida. — Não é grávida, menina, animal é prenha. Pessoas ou sêres humanos,

é que se diz grávidas. A jumenta vai dar a luz? — Não, a jumenta pare ou dá cria. Luz, só senhoras dão. E os postes, não é professôra? — cada palavra que diz, é uma bobagem. Palavra! palavra de honra. Honra, honra, uma senhora honrada de nossa sociedade. Sociedade, sociedade, alta sociedade. Sociedade protetora dos animais... animais domésticos que prestam serviços ou vivem com o homem, citar exemplo e etc.: Cavalo, vaca. Citar exemplo, exemplo, exemplar... uma môça exemplar. O que é exemplar? olhe no dicionário, você já está ficando uma môça. Ficar môça, deixar de ser môça. Dicionário? sim menina, livro que serve para dar sentido ou significado da palavra. Entenda, não faça mais perguntas, procure raciocinar, raciocínio... raciocinar... tem razão, perdeu o raciocínio, perdeu. Perdeu a vida, perdeu o sapato, perdeu a razão, perdeu o direito, perdeu o trem, perdeu a honra, perdeu a moral, perdeu a vergonha, perdeu o dinheiro, perdeu o juízo, perdeu em juízo, perdeu a visão — ficou cego, perdeu a calma, perdeu a eleição, perdeu o poder, perdeu o prestígio, perdeu a elegância, perdeu o respeito, perdeu a oportunidade de ficar calada; só fala bobagens, bobagens, besteira, bêsta... bêsta, bêsta quadrada, quadrada, redonda. Bêsta redonda? bêsta prenha, não é bêsta grávida. Bêsta não é ser humano, não é uma senhora; doméstica ou indomável? Meu Deus, para que tanta pergunta? tanta diferença? Meu Deus? Meu? Deus? Sim, Deus, Senhor da natureza, Criador do Céu e da Terra, fêz o homem à sua semelhança; deu livre escolha de viver e pensar.

O homem não pode contrariar a natureza, Deus é grande, grande, gigante. Pela própria natureza. O homem é um animal racional, racional racionado, razão, racionamento de água e luz. Desligue a luz!

Desliguei! Eu queria desligar os problemas, eu quis desligar de você, eu quero me desligar de tudo e de todos. Mas quem sou eu para desligar, para olhar para frente, o que tenho mesmo é de olhar para dentro e enfrentar o meu ser sem tentar me enganar, é preciso não perder o respeito por mim mesma. Em minha cabeça, um turbilhão de coisas sem nexos e sem sexo me ferve o cérebro e envolve todo meu ser, eu tenho medo, eu procuro a saída, eu perdi a coragem, perdi as forças, perdi a fé, perdi a vontade de ser gente, é tão difícil ser gente.

E neste instante que há em mim você, neste instante que meu ventre é responsável por uma vida, sinto o monstro de minha pequenez.

Perdi tudo, menos o medo, é preciso perder o medo. Digo isto a mim, êste eu que não obedece. É preciso bendizer a natureza que não pede licença ao chefe de polícia nem ao Papa, para entrar em ação, que está acima da incoerência dos homens: êstes homens que dizem ser os donos da verdade e que tremem diante dela! Oh! meu filho, me inspira com sua coragem de ser homem do ano 2.000, você que ainda não conhece os homens faça que meu ventre substitua o meu cérebro e me apresente com a lucidez de uma vaca já que é impossível ser gente. Como invejei aquela jega imensamente prenha, parada bem em frente ao Palácio Episcopal, indiferente a tudo e a todos, nem mesmo ouvia a banda de música da parada, paciente, tranqüila... compenetrada, de sua missão, cumpre seu período de gestação, sonhando (quem sabe?) com o fruto do seu amor ou instinto como dizem os homens (mesmo sem terem sido jegues), porque os homens sabem tudo, visto que são racionais.

Como desejei ser aquela jega que obedece à natureza, ao seu instinto e pode ser ela mesma em todos os instantes de sua vida. Tenho certeza de que a Sociedade dos jegues, se é que a têm, exige tão somente o que os seus membros são capazes de seguir sem neuroses, sem censuras. Que seus ditames e éticas existem a serviço deles, mesmo sendo o mais importante a capacidade de seus membros. Não é preciso para uma jega esconder uma gravidez por ser solteira. Uma jega é sempre uma jega, sem rodeios, sem segrêdo.

— Não sei meu filho, se estou me fazendo entender por você ou até mesmo se é difícil para você entender. Não sei se você exige que eu peça licença para falar tão claramente. Espero que seja condescendente e aceite a minha nudez de alma, já que você é a única criatura diante de quem tenho coragem e dever de me despir. A você que eu escondo de todos e tentei esconder de mim mesma, a você que é desconhecido e tão meu conhecido, visto que sempre estêve em mim que sou mulher. A você que está comigo, aceite a minha nudez, dispense a minha cansativa máscara que me impuseram usá-la e que me pesa tanto. Até amanhã. Boa-noite.

Bom-dia, querido!

Amanheci cansada, achando tudo chato e ridículo. Um barulho infernal das colegas saindo para a universidade. Hoje, mais do que nunca, senti terrível necessidade de ficar só, inteiramente só, porque é horrível a solidão na multidão. Estou cheia dêste pensionato, não aguento mais essa vida coletiva. O único momento que tenho o direito de ficar comigo mesma é no gabinete sanitário, mesmo assim, ainda outro dia, a velha me esperava do lado de fora e assim que abria a porta, a distinta, teve o desplante de querer salvar a minha

alma — já que não podia salvar a minha matéria — e entre uma notícia de um assassinato e outro, fazia citações bíblicas, esbravejava contra Herodes, bendizia José de Arimatéia, desculpava a prostituição de uma mulher, se não me engano. Madalena, assim eu fiquei sabendo do que não me diz respeito e muito menos desrespeito. O que é fato, é que eu senti a urgente necessidade da citadora da Bíblia mudar sua dentadura. Entre uma citação e outra a erudita me cuspiu no rosto, o que me deixa crer que não tivesse o propósito de me cuspir e sim transmitir os ensinamentos da tão cobiçada verdade eterna.

Queria eu sei, levar-me para os céus ou para o inferno — não sei se eu podia optar — o fato, é que, optando ou não, perdi uns quinze minutos em pé com mau cheiro nas narinas, cusparada na cara, sem poder lhe dizer nem ao menos que a dentadura da mesma estava deveras folgada e que chegava mesmo a dançar dentro da boca portadora da verdade, e que num momento tão solene não ficava bem uma dentadura dançando, sem ritmo e sem música, mesmo porque nem a vizinha estava tocando piano. Graças a Deus, a colega do quarto veio me pedir o dicionário e eu pude pedir licença à senhora missionária e não voltei nem mesmo para saber meu destino traçado: Se Céu ou Inferno me aguarda.

Dentadura, dicionário, Bíblia, José de Arimatéia, Herodes, Madalena, eu não tenho nada com isso, muito menos você... deixemos isso pra lá. Até logo.

* * *

Fui à praia, meu filho, porque não queria pensar e aqui no pensionato é impraticável se dormir um pouco

ou repousar. As colegas têm sempre o que me contar e o movimento é grande. Uma estuda dicção, outra canto, violão, violino. Acho que estão organizando uma orquestra sinfônica.

Assim sendo, resolvi enfiar o meu biquíni e procurar uma praia bem vazia, afinal encontrei. Apesar do meu estado de espírito (de ultimamente tudo me aborrecer) ainda pude me extasiar diante de tanta beleza. Fiquei parada a contemplar o mar batendo nas pedras, as espumas brancas e o barulho gostoso da água. Lá longe uma jangada andava lentamente por sôbre o verde, o vento acariciava de leve o meu rosto; respirei fundo, sentia a maresia e uma imensa saudade de mim mesma. Onde se escondeu esta feliz criatura que há tempos não vejo?! Lá estava um menino empinando arraias em cima das pedras, teria perdido aulas? ou êle não frequênta escolas?

Nunca mais empinarei arraias. Nunca mais fugirei da aula. Jogada por onde está minha bruxa de pano que tanto me fêz companhia? Minha Lucinda! suja e feia para os outros, linda para mim. Atirada atrás de algum baú velho ou no lixo, despedaçada, inexpressiva, abandonada, troço inútil que tanto me fêz sonhar. É isto mesmo, Lucinda, eu também estou jogada neste quarto de pensão como uma bruxa sem dono.

Êste saudosismo ridículo, esta saudade imensa de mim mesma, me fêz chorar. Ali na praia dei o recibo da minha fraqueza. Chorei como uma criança desamparada. Apanhava areia e fazia escorrer a água por entre os dedos, olhava meu ventre, pensando: daqui a poucos meses, não poderei usar biquíni, ficarei redonda como uma pata, aí então estarei grávida ou prenha como queiram ou não queiram. Gostaria, meu filho, de lhe

dizer coisas lindas com a pureza de Garcia Lorca, de receber-lhe com a coragem de um Cristo e que você brotasse em mim, como a sinfonia de Beethoven... Boa-noite!

* * *

Hoje amanheci bem disposta. Achando tudo mais simples, sentindo-me feliz e com um ar bem sadio. Não sei se é porque estou bronzeada. Como amanheci disposta hoje, vou aproveitar para ir ao médico e se possível chegarei até a escola de seu pai. Preciso ter uma conversa com êle, pois há oito dias que não o vejo. Êle sabe de minhas suspeitas e disse-me que era impressão minha, que eu deixasse de brincadeiras e nunca mais apareceu, talvez seja para eu não brincar com mau gôsto. Não sei o que há, nem me telefonou... tomara que não seja o que eu estou pensando. Quero crer que êle esteja muito ocupado com os problemas de formatura, aula de dicção — preparando discursos, pois o mesmo é orador da turma, sem contar que a política estudantil toma todo seu tempo de bom marxista. Os acontecimentos dos últimos dias não estão nada bons. O reitor diz que vai fechar o restaurante universitário; a turma está apreensiva. Onde irá se comer nessas férias? por certo estão estudando uma maneira do Magnífico Reitor desistir do fechamento do mesmo, não sei, tomara que seja isto. Amanhã saberei tudo direitinho ou tortinho, o que é fato, é que preciso saber o que está ocorrendo, não posso pensar pelos outros, mas estou de-veras apreensiva. Contudo estou bem melhor, com a mente funcionando regularmente, permitindo-me raciocinar um pouco. Desde que o Senhor seu pai foi estagiar no campo, sinto que falta alguma coisa entre eu e êle, apesar do mesmo dizer que é criação da minha imaginação

que é muito fértil. Talvez êle tenha razão. Não entendo porque as pessoas fogem do diálogo sério. Se eu tivesse um emprêgo, não teria tantos problemas, meus problemas são de ordem econômica. Se eu tivesse dinheiro, você seria bem mais feliz. Amado. Sobretudo você seria a realização de um sonho e não êste pesadelo.

A esta altura eu estaria tricotando sapatinhos, estaria sob cuidado e orientação médica, me alimentando condignamente para que você nascesse robusto, perfeito.

Estaria eu anunciando a Deus e ao Diabo, a sua vinda. Já teria escrito na parede do meu quarto em letras garrafais: Seja bem-vindo, filho querido, a opinião pública que se dane. Não sou eu a descobridora do sexo, nem tampouco me chamo Eva, não sou inventora do óvulo, muito menos do espermatozóide. A natureza que se explique por mim.

A essa missionária, citadora da Bíblia, matrona despoliciada, e a todos os certinhos do mundo inteiro, aos amantes da ética e da moralidade que vão todos para o inferno sem perder a simetria. Vou escutar a sonata patética já que para mim ainda faz sentido... Até-logo!

* * *

Valeu a pena, meu filho, eu ter saído do interior em busca da cultura e civilização. Valeu a pena esta minha passagem pela Universidade com tôda sua deficiência. Concordo com Dostoiévski: "Vivência é Cultura".

A deficiência da Universidade Federal é completada pela Universidade da vida, que ainda adota a antiga pedagogia de bater. Apanhando aprendi muito. O que tenho medo, é de não conhecer a civilização. Ainda não botei meus olhos, em cima da mesma... por mais que

eu abra os olhos aumenta minha miopia em relação a civilização, tão badalda em prosa e verso. No interior fala-se de um homem da capital, um homem civilizado, um homem formado. Aos assassinos da minha região, diziam os mais esclarecidos: "falta de esclarecimento, falta de civilização". Na escola, a professora me dizia: Os indígenas eram antropófagos, porque não conheciam a civilização, ou melhor não eram civilizados... menina civilizada, não põe o dedo no nariz, não bota dedo na boca, não cospe no chão, não mente, não bate na coleguinha, não procura brigas, não faz fuxico, não é irvejosa, não fala alto, não trata seus semelhantes com palavras ou gestos grosseiros, não joga papel no chão, não anda suja, não apanha os brinquedos dos outros, não estraga livros, enfim uma pessoa civilizada não causa mal a ninguém". Criei eu, a imagem do homem civilizado, um homem quase que perfeito. Cresceu em minha cabecinha, a curiosidade e o desejo de conhecê-lo de perto, talvez êles também me civilizassem. Mas ou o tempo é escasso ou a civilização está superada. Estamos em plena era atômica e o azar foi meu, deixe isso para lá. Vou lavar a minha roupa, porque hoje é sábado. Amanhã passo a ferro, porque amanhã é domingo. Segunda-feira, vou à aula. Acho que tenho quatro. Depois, conforme estou projetando, vou ao médico e ao senhor seu pai, não sei porquê, não sinto vontade nenhuma...

* * *

Filho querido, tenho me esforçado bastante para tornar-me clara para você, tenho uma linguagem bem simples, contudo nem eu mesma entendo estas explicações que não explicam coisa nenhuma. Vejamos: Conforme planejei fui ao médico e depois fui estar com o

Senhor seu pai. O médico confirmou o que eu já sabia, entregou-me o resultado do exame de urina, me abraçou rindo, desejou que você fôsse homem, robusto e... inteligente. Disse-me que tudo estava em ordem, passou algumas vitaminas, etc... Não sei porque saí do médico me sentindo a pessoa mais importante do mundo. Atravessei o jardim. Em cada criança que estava brincando senti meu filho. Amei a todos amando você. Uma sensação estranha apoderou-se de mim. Eu ria e tinha vontade de chorar. Devo ter chorado umas três lágrimas. Não sei se o fato do médico participar do meu segredo ou se suas palavras de estímulo me deram força e coragem.

Naquele instante não me senti só, naquele instante nós existimos neste vasto mundo que também era nosso. Tive vontade de voltar correndo para casa, tomar um banho e repousar um pouco. Tive vontade de não precisar de ninguém, desejei dinheiro, dinheiro, filho, para comprar um pouco de paz e concluir a maior obra de arte do mundo. Você é lindo! Você é sábio! Você é fortaleza! eu estou com você, você está comigo! saí dizendo mentalmente pela grama verde, mais verde do que nunca, verde-verde! Bendisse a natureza, bendisse a fecundidade, entendi a beleza do amor, senti presença de Deus. Deus é amor!

Apressei os passos e fui quase correndo ao encontro do senhor seu pai, lá estava ele medindo as terras em volta de sua escola. Abracei-o com tôdas as forças porque ele era você, você era ele.

Esta música é linda não é? parece que ela fala por mim, diz tudo. Infelizmente já não posso escutá-la sozinho, lá vem a coleguinha perguntar o nome da música, não sei porque tem de saber o nome de tudo. Digo-lhe

que é qualquer coisa de aproveitável, ela achou o nome bem estranho, então eu tive de mudar o nome para "Prelúdio do Amor", ela aceitou imediatamente... foi ótimo para mim, pois assim posso ficar sossegada por alguns momentos. O telefone tocou, tive que interromper o meu ócio, era outra coleguinha da Universidade avisando-me que segunda-feira seria o último dia de apresentar o trabalho de História Universal, que eu não faltasse para não ficar sem nota. Lá vem a proprietária do pensionato pregar a Bíblia ou a Estória Sagrada, sei lá!!! Desta vez me contando que Caim matou Abel por inveja, que depois se escondeu e começou a ouvir a voz de Deus e que não era voz de Deus e sim, a consciência de Caim que doía. Tive vontade de dizer-lhe que eu não podia tomar nenhuma posição diante do assassinato, e que cabia as autoridades competentes tomar as suas medidas e julgar o fato de acôrdo com o dia ou com a noite e a fluência dos bons advogados. Infelizmente eu tive que me manter lúcida até o fim da estória do crime de Caim, que eu não sei bem se foi em Pernambuco ou na Alemanha Oriental ou Ocidental. Se Caim matou Abel a tiros, ou com pontapé nos testículos, ou por difamação. O fato é que, com tôda bondade, Abel morreu.

Tive um dia cansativo, procurei trabalho por tôda cidade. Sabe datilografia? possui títulos? sabe taquigrafia? tem prática de escritório? três retratos 3x4cm carteira de identidade, quase me pediram atestado de óbito... Volte terça-feira.

Por mais que eu queira esquecer, por mais que eu não queira lhe falar dêste encontro com o senhor seu pai, é impossível. Como eu lhe falei anteriormente até o abraço, procurei não lhe contar o que foi o nosso diálogo... algo de amargo e cru... para lhe resumir até onde chega a covardia humana fiquei sabendo que eu

nunca fui virgem, você foi feito só por mim e assim sendo sou um fenômeno digno de ser estudado pela medicina. Você não está entendendo nada, não é? nem eu... amanhã procurarei contar-lhe com detalhes, estou com sono e acho que o melhor que faço é repousar um pouco. Com mais frieza, contar-lhe-ei tudo conforme nos prometemos falar somente a verdade. Você terá que viver com os homens, por conseguinte, não posso deixar de contar-lhe tudo às claras.

Conforme prometido, filho, volto hoje para conversarmos mais um pouco, ontem eu estava deveras arrasada, cansada, sem ânimo, e até mesmo sem querer acreditar no que ouvi. Nunca podia imaginar que um ser humano fôsse capaz de tudo aquilo. Com muita dificuldade, irei transmitir-lhe na íntegra... hoje serei mais capaz; dormi um sono terrível, tinha pesadelo a todo momento, estremezia até a alma. Confesso que depois que a coleguinha me sacudiu, acordei e fiz força para não dormir mais aquele sono insuportável, pensei em você, fiz um relax e com muito trabalho consegui ficar calma, porque sei que tenho obrigação de zelar pelo seu desenvolvimento sadio. Tenho medo que você seja um neurótico, um epilético. Que Deus nos livre.

Aquela missionária, outro dia me disse que Jesus tinha dito: "Amai-vos uns aos outros, ou ama ao próximo como a ti mesmo". Confesso que seria o ideal, constato todavia só serviu o que disse o mestre como citação, por sinal muito bonita. Desgraçadamente a verdade, é que não se tem respeito humano. As pessoas não respeitam mais nem seu eu, visto que não arcam com seus atos. Por vezes são indignos de suas indignidades... deixemos isso para lá. Não sou responsável pelo comportamento e formação da humanidade, nem tampouco quero ser vítima dela. Sou adulta, respondo por mim, tenho

que arcar com os meus erros e responder pelos meus atos, até mesmo os mais podres, os que, por desventura fazem minha mente entrar em decomposição. Que eu leve nas narinas o mau cheiro do cadáver do Senhor seu pai, até onde acabe minha covardia de mulher imbecil e submissa, já que o escolhi como companheiro e pai do meu filho. As vezes, meu filho, nós perdemos um ente querido e choramos sobre seu túmulo anos a fio. É horrível! contudo confesso-lhe: pior é ter que enterrar um ente querido vivo, vê-lo em estado de putrefação, entrando em decomposição. É preciso que se sepulte urgente.

Uma mulher, meu filho, não é um "biscuit", não é uma boneca. A responsabilidade, o papel da mulher na sociedade é tremendo. É preciso dizer não. É preciso estar atenta, para não se ser usada como um objeto, como uma boneca, ou um modess. É preciso a mulher mostrar que essa estória de fragilidade é uma farsa, fruto da estupidez do passado que confundia medo de barata, não saber matemática e outras imbecilidades com feminilidade. Que Deus perdoe a ignorância de todos como fez diante da multidão dando o último suspiro. O que constatou o seu grau de inteligência, quando disse: "Pai, perdoai porque eles não sabem que fazem". Novamente, meu filho, eu fugi ao assunto. Fiquei em divagações, vou almoçar, quando voltar contarei tudo.

A fila do restaurante universitário estava imensa, os colegas furavam a fila, empurravam os demais, com medo que o leite acabasse. Tinha-se a impressão de se estar entre canibais, cena deveras deprimente. Um estudante trepado numa mesa falava não seu bem o quê, mas tenho a impressão de que convocava os colegas a um protesto contra algo de errado por parte do reitor. É

engraçado com eles protestam, lutam pelos seus direitos, pretendem por tudo em ordem, criticam o mal-feito e são incapazes de respeitar uma fila, de respeitar os direitos alheios por um simples copo de leite. Empurram os colegas sem ter cerimônia, nem mesmo sendo uma môça. Lá estava a elite da intelectualidade, os homens civilizados! os moços, que como eu, tiveram o privilégio de entrar na Universidade. É detestável a incoerência dos homens civilizados, prefiro a autenticidade do rústico, do ignorante, porque crê em alguma coisa.

Ainda há dias passados, ouvia um grupo deles discutindo política, futebol, etc. . . . terminar papo tão elevado fazendo observações sobre se tal colega, era ou não virgem. Cheguei a conclusão que o problema social, financeiro e político, sem falar no futebol está na vagina da mulher. Eles faziam piadas, ridicularizavam a mulher, esqueciam as genitoras e irmãzinhas, diziam em linguagem bem canibal: Fulano come fulana, se ela der eu como. Cheguei a conclusão de que a única coisa que sabem fazer é comer. Comem pelos testículos, pela bôca, pena que comida esteja tão cara. Só não dão conta que estão sendo cada vez mais engolidos, tragados e bem digeridos.

Se Deus criou o mundo, com certeza não se orgulha, se envergonha e procura esquecer. Foi num momento impensado, como um artista que com ganância conclui uma obra e em seguida não quer nem ouvir falar.

Mas sim, eu tenho que voltar ao encontro com o seu falecido pai, que Deus o tenho no seu reino com asas de anjo, coroa e tudo mais, digno de ser tido como divino, puro e casto. Que nas alturas do céu, ele não tenha vergonha e nem notícias do planeta Terra, nem mesmo via

EMBRATEL. Que a inocência do mesmo transforme-se em trono dourado no tão cobiçado céu, Amém!

Como já lhe falei, quando eu saí do médico e fui ao encontro do seu falecido pai, o mesmo estava medindo as terras em volta da escola com mais dois colegas. Fui correndo, dei-lhe um abraço bem apertado. Os colegas foram se afastando e dizendo: Você é um homem feliz! Saíram para tomar um cafêzinho. Para minha decepção, ele afastou-se de mim e sêcamente perguntou: O que é que você está sentindo? como se eu fôsse a pessoa mais estranha do mundo. Tive vontade de não falar mais nada, mas era preciso contar-lhe tudo, dizer que precisava do apoio dele. Quero que você, filho, fique sabendo que eu não fui pedi-lo em casamento, nem tampouco que ficasse comigo a eternidade. Pois que do contrário estaria perdida, nem que o mundo havia desabado sobre mim. Não fui roubar-lhe o precioso tempo em lágrimas, nem em lamúrias. Simplesmente compartilhar até o fim da minha gestação. Fiz enorme fôrça, falei do que tinha me levado até ali, vi o mesmo mudar de cor, suar por todos os poros, a me olhar como se eu fôsse o objeto mais asqueroso do mundo, um objeto muito imoral e bem imundo. Não sei com que cara eu estava, o que é fato é que fiquei como se tivesse tomado uma pancada na cabeça e acabasse de acordar naquele momento. O fantasma passou o braço pelo meu ombro, me conduziu até ao portão morrendo de medo que eu caísse do lado de dentro, é o que suponho, e disse-me: "Hoje à noite passarei na sua casa vou resolver o que faremos". Fêz silêncio e vi com rapidez fechar o portão em minha cara. A pancada do portão acordou-me por completo e senti bem de perto, os efeitos do medo. O fantasma tinha medo, medo que eu quisesse casar com ele e o mesmo perdesse a oportunidade de ser livre, de casar com uma

burguêsa, medo de saberem que êle era o pai do meu filho, medo da minha insignificância diante da sociedade, de um engenheiro lindo de morrer, de olhos verdes e conversação agradabilíssima — um verdadeiro “gentleman — capaz de fazer vibrar o coração das púdicas donzelas, filhas de industriais, e que por certo iria uni-las ao seu diploma, seus olhos verdes, além de suas citações de grandes escritores. E eu naquele momento, na imaginação dêle, estava ameaçando seu lugar ao sol. O distinto é um ser de muita visão estética... Medo, medo, medo... tenho vontade de rir e não me perdôo por tudo isto, também tenho medo, medo de não ter dinheiro para comprar leite para você, medo de não poder pagar a escola, medo de não poder lhe dar assistência médica e dentária, medo de estar gerando mais um covarde para povoar o mundo, medo de não ter respostas prontas para suas perguntas, medo de não orientá-lo condignamente, medo de sua formação. Desculpe, filho, mas eu tenho medo de minhas deficiências, você não pediu a ninguém para nascer. Preciso ficar calma para estudar, tenho prova amanhã, amanhã, quem sabe? terei um dia mais calmo, terei coisas melhores para lhe dizer. Acho que vou estudar a tarde tôda lá na praia, até que não haja mais claridade do sol. De certo modo a praia me dá tranquilidade. Vou almoçar nem que seja a pulso, não tenho nenhum apetite. Depois do almoço vou à praia, lá eu penso melhor.

Até que consegui almoçar satisfatoriamente. A fila não estava muito grande porque eu cheguei cedo. Tinha leite e eu tomei um copo... como sobremesa, tomei o cafêzinho, não consegui fumar — enjoiei por completo, nem o cheiro eu agüento. Apanhei os livros, descendi andando para a praia, lá estava deserto e pude estudar à vontade. Fiquei um pouco sonolenta, molhei-me e con-

tinuei estudando, até que o sol foi descendo lentamente como se não quisesse deixar a terra. Os raios do sol por sobre as águas, parecia que algum pintor tinha douorado o verde mar. Fechei o livro e fiquei a divagar contemplado o pôr do sol. Percebi que o sol dava lugar às estrêlas, já fazia um ventinho frio, as luzes da cidade acenderam. Bem de longe ouvi o alto-falante tocando Ave-maria. Algum bairro pobre era próximo e pude me deliciar com a cafonice e algumas outras músicas. Andei lentamente pela areia de praia, sempre deliciada com a cafonice do alto-falante. As vêzes gosto da cafonice, comprei cocada e vim comendo pela ladeira com os livros embaixo do braço, estava feliz e me lembrei: “ser feliz é bastar-se a si mesmo” — nem me lembrava mesmo de quem era o pensamento. Só sei que é certíssimo. Eu estava feliz porque me bastava, com sol, com praia, com a cafonice, com os livros, com a cocada, consciente comigo mesmo. Nascer, viver, morrer. Três verbos, vários tempos, vários modos... tu nasces, eu vivo, êle morre. Êle morreu, terceira pessoa do singular. Assim vim eu pela ladeira, leve, sem compromisso com nada, a não ser com a natureza e o ócio do comêço da noite.

As pessoas tinham ares engraçados, alguma parecia que estava com o rei na barriga, outras iam com pressa como se fôsem salvar o mundo. A môça se sentia a dona da beleza universal a esperar seu príncipe encantado. Lá vai o professor de português dar as suas aulas de figuras literárias ou tropos. Verbos em todos os tempos e pessoas, todos corriam, olhavam os relógios, pensavam nos calendários, suas caras eram solenes. Bem material para quem, ainda de corpo e alma, acredita e se impressiona com alguma coisa. Mesmo nesses últimos dias que fatos abalam o mundo. No largo comprei um

jornal e pude ler que um pai-de-santo fez um despacho e substituiu o galo pelo seu próprio filho. Sacrificou o filho para aplacar a fúria de Exu. Não entendo prática de candomblé, também não sou de todo alheia, dada a sua vasta divulgação. Lembro-me bem de um fato interessante, morava eu em casa de um deputado, o mesmo criava uma môça que era dada a essas práticas de despachos, fechamento de corpo, banhos de fôlhas, etc....

Certa feita a divina senhorita me convidou para ir até uma igreja fazer uma obrigação. Saímos as cinco horas da tarde, ela passou pelo mercado, comprou um pombo, tomamos um táxi, chegamos à igreja. No interior da igreja havia duas velhas, contritas, em profunda meditação, nem deram pela nossa presença. Eu já estava curiosíssima com a estória do pombo, todavia fui discreta até o fim. A filha do parlamentar se ajoelhou, desembrolhou o pombo, abriu o bico do mesmo, disse alguma coisa em voz baixa e em seguida passou o pombo pelo corpo e soltou o mensageiro que saiu numa disparada tão grande que as velhas quase desmaiavam de susto, uma delas derrubou os óculos. Sempre gostei de piadas, eu ria dentro da igreja como se estivesse no meu quarto. Por mais que a môça dissesse: "Não ria que é coisa séria", aumentava a minha crise de riso.

Saímos e a distinta me explicou que o seu noivo não queria se decidir e que o pai de santo passou o pombo para desengrisilhar ou desamarrar o casamento tão demorado. Justifica-se: O casamento é uma coisa importante na vida de uma môça, principalmente depois dos trinta anos de perene virgindade, acarretada de libidinagens e ginásticas menos prejudiciais à cobiçada membrana. Você não entendeu nada, não foi? Não fique tris-

te, você não tem culpa. Mamãe também não entende nada. Daí que eu lhe disse: Tenho medo de não saber responder às suas perguntas e ao porquê das coisas. Voltei ao restaurante, jantei, encontrei uma colega que todos acham doida, eu particularmente acho uma môça bem inteligente, e perco horas e horas ouvindo-a. Dei boas risadas, a mesma me falou de um livro que estava lendo, prometeu emprestar-me, se não me engano o nome do livro é: — "Cem Anos de Solidão." Eu tive vontade de falar tudo que estava ocorrendo comigo. Não sei se me faltou coragem, ou se a mesma não me deu oportunidade. Comprou cigarros para mim e para ela e veio andando comigo até em casa sem parar de falar um minuto. Discorreu sobre tudo que sabia e que pressentia que iria acontecer. É uma criatura de um senso crítico e de uma imaginação formidável, não me canso nunca dos seus papos. Despediu-se e convidou-me para um concêrto na Reitoria daí há dois dias, ficamos de nos encontrar, tornou a despedir-se e foi embora. Entrei fui tomar banho, quando estava tomando banho o telefone tocou, mandei dizer que não estava e que não sabia quando eu voltava. Estava disposta a ligar a radiola, apagar a luz e me deitar, só isso. Nada de estudo, nada de jornal, nada de bate-papo. Quem disse que eu tive o que eu planejei? quando voltei do banheiro, o meu quarto estava repleto de coleguinhas, com violão e tudo e mais necessário a um samba de roda. Tive vontade de pedir às coleguinhas que juntamente com a orquestra e tudo mais fôsem dando fora do quarto que eu queria descansar, não passou de idéia. A Marly me disse que estava compondo uma música para o festival universitário, e que meu quarto era o único lugar disponível para ensaiar, visto que no quarto da mesma haviam duas colegas estudando. Não pude fazer nada a não ser ficar ali assistindo ao ensaio e emitindo minha

opinião sobre a música. A música estava de muito bom gosto. As três vezes davam a melodia algo de alegre e saudade ao mesmo tempo. Não entendi muito de música, mas confesso que gostei à beça. As moças deixaram de namorar algumas noites preocupadas com ensaio, estavam deveras entusiasmadas com o festival. Meu filho, eu me pergunto: Que seria da vida sem música? a vida é linda, porque é musicada. As colegas foram embora. Vou dormir.

Passei o dia de Ontem bem tranqüilo e vendo uma vida com outros olhos. Hoje fiz uma prova relativamente boa, pelo menos não deixei nada em branco. Hoje à noite vou ouvir Bethoven, isto me alegra. O dia de hoje está meio indeciso, não sabe se chove ou se faz sol. De minha parte pouco se me dá, que chova ou faça sol. Vou interromper minhas previsões meteorológicas porque a lavadeira vem chegando e o pior é que estou dura, sem um tostão o que por certo não será nada agradável para mim, muito menos para ela. Não sei porque foi faltar água aqui, sempre lavei minha roupa.

Filho querido, para não ter paz o fantasma do seu pai achou de passar ontem aqui, deixou-me bastante chateada. Conforme o mesmo havia prometido, passou aqui para encontrarmos juntos uma solução. Sabe qual foi a solução? Disse que eu procurasse um médico, perguntasse por quanto o médico extraía e depois dissesse a êle e então êle pagaria. Falava em extração de você, como se fala em extrair um dente com granuloma. Sei, meu filho, que isto é muito comum, que tem médicos que vivem só disso. Todavia, para mim, não concebo esta solução e fiz ver ao mesmo que êle não teria nenhum problema nem comigo nem com você. Empenhei minha palavra, pedi-lhe que não me procurasse mais, que eu era de maior, nada iria contra êle,

concluí dizendo que apenas queria paz. Que êle ficasse tranqüilo que você nunca saberia que êle era seu pai. Tentei entrar êle me deteve pelo braço e no maior cinismo do mundo, disse-me que não sabia porque eu queria insinuar que êle havia me deflorado e que quando um homem sabe que o filho é dêle até ama, porém que eu nem sabia de quem era o filho que eu fôsse procurar o pai. Fiz silêncio, o mundo rodou em volta de mim, fiz força para manter-me firme, pedi licença, disse que não estava me sentindo bem, êle me olhou e continuou os desacatos, crescia seu cinismo, não me contive, soltei-me de suas mãos e cuspi no rosto do mesmo. Entrei, fechei o portão e pude ver o fantasma imóvel, limpando a cusparada do rosto. Espero que seja minha última visão do fantasma. Entrei tão trêmula que a colega do quarto me perguntou o que eu tinha — eu disse — eu vi um fantasma. Ela acreditou, me deu água e veio dormir comigo, porque também estava com medo, me contou histórias de alma do outro mundo e dizia-me: “Se eu ver um, eu morro”. Respondi — é horrível, e comecei a chorar. A colega queria dormir comigo na cama, rezou que queria dormir de luz acesa. Eu disse que apagasse a luz que o fantasma já tinha ido embora. Detesto dormir de luz acesa, foi um custo fazer a colega ir para a cama dela apagar a luz. Eu rezei para o fantasma não aparecer, rezei para a colega nunca ver um fantasma — é horrível! A capacidade destruidora de um fantasma aniquila físico e alma! Perdemos a crença no resto do mundo e das coisas que nos cercam, começamos a ter medo de tudo. É o começo do fim. Assim eu vi um fantasma de gravata e com forma de gente. O primeiro fantasma que eu vi, era bonito, parecia gente, fiquei tão triste... O fantasma também lhe abalou, tenho certeza, pois na madrugada do fantasma você se agitou dentro de mim,

revolucionou meu ventre, fiquei com mêdo de que você quisesse fugir, juntei as mãos por sôbre o ventre e dizia mentalmente: Não tenha mêdo, eu estou aqui, êle não volta mais... E assim você me deu sinal de vida, foi grande a minha emoção! Eu só sabia chorar... Chorava baixinho e enterrava o rosto no travesseiro. Não gosto de que me vejam chorando, não gosto que ninguém chore perto de mim. Amanhã, quem sabe? Secarão tôdas as lágrimas e o sol surgirá lindo, banhando-me de esperanças, prometendo côres e visão clara de um mundo de paz, que à sua luz eu veja os homens sem mêdo, que eu saia da defensiva. Irei ao médico imediatamente, conversarei e tudo será melhor.

Acabei nem indo ao médico, encontrei com uma colega que eu gosto muito, ela me convidou para passar um fim de semana na ilha, na chácara de uma amiga dela, aceitei o convite, achei uma boa idéia pois assim ficaria dois dias fora desta rotina, faria uma higiene mental e talvez contasse tudo a ela. Partimos sexta-feira à tarde, tomamos um pequeno navio, chegamos à ilha com o pôr do sol. Confesso que durante a viagem enjoiei um pouco, mas mesmo assim tive interêsse em observar tôda a viagem. Não era a primeira vez que tomava navio, não sei porque enjoiei. Gosto de ver o navio se afastando do cais, gosto de ver a cidade lá longe que aos poucos some de nossa vista. Me faz bem olhar céu e mar e o ventinho da tarde era bem gostoso, o sol descia lentamente, eu cheirava um limão que um colega de viagem me ofereceu. Aos poucos melhorei de tudo, já era hora de saltar, a ponte estava cheia de gente que vem ver o navio, receber encomendas e encontrar pessoas amigas. Uma luz imensa enfeitava a ilha, saltamos e fomos andando pela praia, depois possamos por uma praça iluminada por uma luz fraquíssima, torna-

mos a uma rua beira-mar, andamos um bom pedaço e chegamos à chácara, era um recanto maravilhoso, mangueiras enormes em frente a um chalé antigo — atrás coqueiros, palmeiras, sapoti. Era acolhedor, cheio de paz, era humano, o lugar. A senhora que nos recebeu foi providenciar água quente para tomarmos banho e disse-nos que tinha milho cozido e aipim. Como eu fiquei feliz, adorei tudo. Fiquei na janela, olhando o mar iluminado pela lua prena, sim, a lua estava cheia como eu... Um cheirinho gostoso de flôres, eu perguntei de que, era o cheiro e a senhora disse-me à a mangueira carregada de flôres, — o ano passado foi tanta manga que apodreceu. Uma enorme cadela andava quase se arrastando, veio me dar boas vindas, eu tive um pouco de receio que ela me mordesse, a môça me tranquilizou dizendo — Ela não morde — fiquei meio sem jeito e perguntei — ela está doente? Não ela está prena e acho que vai parir de hoje pra amanhã, está tão pesada. Ali era meu lugar, ali era o lugar das prenas — mangueira prena de flôres, cadela prena de cãezinhos, eu prena de você, lua prena sôbre o mar, mar que banhava a preñez, foi o mar mais lindo do mundo.

Fiquei horas esquecidas, até que a senhora me chamou para tomar banho e jantar. Comi aipim e milho como gente grande, parecia que eu estava me despedindo de comida, desfrutei de tudo aquilo como se fôsse a última vez que eu fôsse ver comida, mar, cadela, mangueira, luz e telhado nu. Até que os homens têm imaginação quando estão próximos da natureza. Depois do jantar a colega foi buscar cigarros me levou para um alpendre do fundo, ficamos a ouvir cigarras a cantar e de vez em quando um morcêgo levantava vôo sem rumo certo. Detesto, morcêgo, meu filho, mas confesso que tudo na ilha era lindo, com ou sem morcêgo.

A colega conversava pelos cotovelos, confesso que ouvia bem pouco o que me dizia o papagaio ao lado, fiquei pensando — ainda tenho amanhã e depois aqui, tive vontade que as coleguinhas do pensionato estivessem também ali, por certo Marly faria uma música bem bonita.

Pela manhã saí para ver o sol nascer à beira-mar, estava lindo, lindo! Tomei banho de mar até o meio dia e então voltei para almoçar, dormi um pouco. Quando acordei a cadela tinha parido três cachorrinhos, tudo tão simples. Fui cumprimentar a cadela e dar boas vindas aos seus filhos. Ela parece que compreendeu o meu gesto, balançou o rabo e de leve lambeu minha mão, parecia cansada, aquietou-se a me olhar entre os filhotes. Tive vontade de saber o porque do desânimo da mesma, se era só físico, cadela não fala, talvez nem ela mesma saiba o porque do seu desânimo. Depois pensei — será a cadela ou serei eu a desanimada a transferir os meus momentos de confusão? Vou dormir mais um pouco, a noite aqui me faz bem, posso ter insônia tranqüila e ocupada. Talvez eu esteja cansada do sol, da comida descomedida ou com inveja da simplicidade do parto da cadela. Caim matou Abel por inveja... Não vou dormir, vou ouvir um pouco de música. Viva a cadela em silêncio, viva os filhotes com sua gulodice. Viva a vida!...

Não quero nem pensar que amanhã voltarei para a cidade, já começo a ficar triste com a idéia da volta. Estou bronzeadíssima com o sol da ilha. Vânia me disse que se eu quiser voltaremos no próximo fim de semana, ora se quero. Convidou-me para hoje à noite assistirmos a um candomblé, não sei onde arranja tanto programa. Até nem pareço que estou grávida, com êsse vestido de alcinha, estou deveras parecendo uma ado-

lescente donzelíssima pura e casta, poderia ser enterada em caixão branco ou azul como tôdas as castas que se prezam, dentro da santa inocência (acompanhada de certa libidinagem é claro) — ninguém é o cão — por mais que se queira tem alguém que não quer. Desfrutarei desta minha aparência de donzela até que você se revolte com a mentira e comece a se estirar dentro do meu delicado bucho. Já estou curiosa de ver até onde eu, que nunca tive barriga, irei elastecer a mala de carregar menino. Hoje estou com a sensação de contrabandista nas narinas da alfândega da moralidade vigente, da qual estou mais por fora do que pressão arterial de defunto. Deixemos defunto prá lá, eu estou bem viva, você é a prova cabal do quanto estou viva, e como! Cresça e apareça! que o mundo se abra para nós dois! Até que não ocupamos muito espaço, não acha? Já pensou meu filho se a gente tivesse um “zipper” na barriga e em outros lugares, seria tudo tão prático; por exemplo: eu já lhe conhecia de cara, era só abrir o “zipper”. E depois o “zipper” evitaria muita confusão, tudo seria ao gôsto da outra pessoa — era só fechar o “zipper” — donzela para os que gostam, os mais exigentes. Abrir o “zipper” para os mais práticos, ao gôsto e contento de todos que povoam êste vasto mundo de meu Deus que ainda não foi de todo explorado. Os homens estão muito ocupados em explorar a lua e depois quem sabe? Difamá-la com os demais habitantes de outros planetas.

Você e a moral vigente por certo me farão cagar um quilo certinho!

Vem dai a minha disposição de viver e achar que vale a pena andarmos com os pés no chão e não com os pés no ar, mesmo porque o ar é uma coisa importante para os seres vivos, os aviões e os zepelins. Re-

apito que o ar não é para se andar com os pés, como pretendem os equilibristas de circo e os desequilibrados dos anarquistas que sempre acham que as coisas estão fora do lugar, e quando estão dentro dos lugares certos, os anarquistas tiram, bagunçam tudo que existe fora e dentro do homem. Não admitem esquerda nem direita e por conseguinte não estão no centro porque também não existe, uma vez que não tem direita nem esquerda. Mas, graças a Deus, a polícia está aí mesmo para ensinar aos bagunçadores da ordem pública e mostrar que o homem tem que se definir, tomar uma posição dentro do planeta Terra ou Marte, porque não creio que existam planetas despolicados. Acho que a polícia de todos os planetas e países sejam, europeus, americanos e outras coisas mais que deveria não só ser citadas como sabidas por mim, o que da minha parte peço desculpas e confesso minha ignorância em geografia e outras matérias, é claro! todavia não ignoro que exista geografia com todos continentes e limites e que a polícia de todo mundo se parece. É como se fôssem gêmeos todos os policiais do mundo. Quanto à geografia, já disse que não sei nem limitar meu país de origem. Confesso contudo que conheço minhas limitações, porém tenho péssimo senso de orientação.

Sempre perco a oportunidade de atravessar as ruas, mas fico tranqüila porque as mesmas estão cheias de guardas de trânsito com apito e tudo mais me mostrando a hora e o caminho a seguir sem contar com as sinaleiras, que eu não manjo "bulhufas", mesmo porque: sou daltônica (não é assim que se diz?). Não distingo vermelho do verde, por conseguinte, também não tenho preferência — melhor assim. Mudemos de assunto: Meu filho, garanto-lhe uma coisa, você vai receber muito castigo, mas aprende geografia e se possível outras matérias como matemática, química nuclear, aquática e ter-

ráquea. Tenho certeza que já lhe disse besteira, fui falar do que não entendo... perdão querido, é preciso me policiar, tudo tem que ser policiado, daí, que eu tenho certeza que todos os planetas são policiados, senão todos, a lua por exemplo, se não era, é ou será. Os homens já estão tomando tôdas as providências; lá por certo reinará paz. Para isto o homem existe, para distribuir a paz e provar que foi feito à semelhança de Deus... (Deus fez o homem à sua semelhança) Versículo, não me lembro o número e nem do capítulo, sou péssima em número e isto é horrível! Mas sei que existe capítulo e versículo e que capítulo não é so em novela como pensam ou não pensam os amantes da televisão em seus momentos de devaneio e elevação espiritual em busca de cultura e emoções tão elevadas, sejam vídeo ou ao vivo — via EMBRATEL. EMBRATEL é o quente. O homem evoluiu muito nesses últimos dias, por exemplo: podemos nos divertir diante do televisor assistindo a uma guerra no próprio campo de batalha, sem que sejamos atingidos por uma granada. Tudo isso, graças a EMBRATEL, não é ótimo!? Terminada a batalha desligamos o televisor, tomamos um "equanil" ou fumamos um continental com filtro e vamos dormir. Continental com filtro, para os que preferem, não é obrigado, cada qual tem liberdade de fumar a marca de sua preferência, para isto temos liberdade até demais. Por isso fumamos desde gaivota até a marca que houver de melhor ao alcance de nossa bolsa, pois ainda não se vende cigarros a prestação, porém dá-se um jeito em tudo: temos cigarros ao retalho! o que acho justíssimo. Contanto que não joguem baforadas em minha cara, explico porque: com a gravidez enjoiei, seja gaivota ou continental e outros bichos que a polícia detesta. Durma bem, eu de minha parte, estou sem sono. Seja independente,

cooperarei com você deitar-me-ei, fecharei os olhos, ficarei imóvel, e você aí dorme. Boa-noite!!!

* * *

Bom-dia, querido! até que dormi bem. Hoje tomaremos o navio de volta. É preciso voltar ao batente, enfrentar a vida, vida vivida, bem vivida, bem sentida. Daqui a pouco irei arrumar a sacola, partirei com minha sacola e você, deixarei o meu pensamento divagar com o correr do barco por sôbre o mar, ao saltar, retomarei o meu lugar, pisarei com pés firmes à terra que me rodeia, ocuparei meu lugar no mundo. É preciso responder pelos meus atos e fatos. Amanhã será outro dia, outra realidade. Agora vou me despedir da praia, das mangueiras, da cadela e dessa senhora que tão bem nos acolheu. Hoje sinto-me outra, com mais coragem, mais fôrça, levarei a doce lembrança dêste fim de semana tão repousante, na esperança de que êle repita. Daqui alguns anos, quem sabe? você estará a desfrutar dêste ou de outro recanto ao meu lado, bombardeando-me, de perguntas, empinando arraia, ocupando minha mente de atenções especiais. Aí então saberei que tôda esta confusão de hoje estará esquecida, porque dará lugar a outros fatos recentes. Serei outra pessoa, mais vivida, mais sofrida, mais madura, mais alegre, mais segura, mais disciplinada pelos ensinamentos da vida que me farão mais humana, mais gente. Daqui da janela eu avisto o mar batendo nas pedras. Algumas senhoras com crianças se banham e voltam correndo para a areia. As mães sempre chatas, correm, pegam os filhos pelo braço deixando-os revoltados por terem sido tolhidos de sua liberdade, é a vida! — a mãe é chata tem mêdo que aconteça algo de ruim aos filhos, êsses não entendem, se rebelam, esperneando pelo chão. Por

certo eu também serei uma chata, minha mãe também era chata, minhas avós mais chatas do que minha mãe, minha bisavó mais do que minha avó. Tem portanto o retrato da família, a sucessão dos chatos. Você por certo será menos chato do que eu. Minhas experiências não servem para você, o seu tempo é outro. Estamos a milhas de distância, em compensação, as suas não servirão para seu filho, mas o importante mesmo é que você entenda isso, assim como eu entendi. Minha mãe não entendia nada, minha avó piorou. Minha avó com o catecismo embaixo do braço a me ensinar o mistério da Santíssima Trindade, os mandamentos da Lei de Deus e da Igreja, me apavorou, me fêz estar certa de que irei direitinho para o inferno com caixão e tudo mais pertencente a uma defunta mal comportada. Minha mãe aboliu o catecismo, obrigando-me sòmente a ir à missa nos domingos e feriados. Eu de minha vez o libero de tudo isto, exijo sòmente que você tenha respeito humano e por si mesmo, — é o bastante! pode amar a Deus a seu modo, como eu amo o Meu. O navio sairá as 4 horas, tenho um pouco de pressa, outro dia lhe falarei de minha avó e suas estórias. Depois contar-lhe-ei a estória de PERULA, a porquinha do rabo enrolado. Até à cidade!!!

* * *

Chegamos à cidade com as luzes acesas, a cidade parecia um presépio, pessoas apressadas se batiam pela rua, o tráfego estava como sempre, o mesmo inferno. Tem-se a impressão de estar em um manicômio. Mal cheguei, já tive a doce notícia que o pão tinha subido, que a partir de segunda-feira o transporte também será mais caro. Por conseguinte, a dona do pensionato já havia dito que a partir do próximo mês o

pensionato também teria que subir, assim temos a vida em ritmo de elevador que por certo será até o fim do ano com tanta subida à TÔRRE DE BABEL. A desgraça para os que sofrem vertigem de altura está às portas. Deus seja louvado! A Marly me disse que era aniversário da proprietária do pensionato e que a erudita senhora tinha dito que não fôssemos para o restaurante universitário porque ela iria oferecer um jantar. Assim sendo, vou tomar banho, jantarei aqui mesmo.

O jantar da erudita missionária estava deveras divino. Comi como gente grande, a distinta estava vestida com tanto esmêro e mau gosto que eu acho que pretendia chocar os convidados. Usava tôdas as jóias que possuía, acho que as que pertenceram à bisavó, avó e a mãe. Parecia uma árvore-de-natal. Um vestido justíssimo, cheio de babado se rendas, de um amarelo envelhecido. Tive a sensação de estar diante de Catarina a Grande. Como desejei uma pena de pavão para enfiá-la no centro da peruca da distinta. A maquilagem da mesma metia inveja a Picasso, Vincent Van Gogh, ofuscava qualquer pintor renomado. Fiquei "bestificada" diante da caracterização da mesma. Os filhos foram chegando com suas famílias até que chegou o último e começou a leitura da Bíblia em voz alta. Todos estavam de olhos fechados, não sei se para não ver a figura da genitora ou para entrar em comunhão com DEUS. O fato é que eu também tive de fechar os olhos para não distar dos demais, pois vale ressaltar que os colegas de pensionato também fecharam os olhos.

Pude eu constatar logo no comêço da leitura da Bíblia e assim sendo acompanhei o gesto de também fechar os meus, não sem abrir de quando em vez um olho para não perder a cena de vista e ver a chegada dos pratos, é claro. Depois da leitura da Bíblia, abri-

ram os olhos e cercaram a mesa. Eu já tinha escolhido o meu lugar e avancei despistando a minha gulodice. Acho que me saí muito bem, pois apesar de permanecer comendo, mantive um papo entre uma garrafa e outra, tendo sempre o cuidado de não falar de bôca cheia, porque tinham me ensinado que é falta de educação, o que eu acho justo. Aderi de bom grado visto que ao falar com bôca cheia corre-se o perigo da comida cair o que não seria nada agradável. Esforcei-me para me sair bem diante dos outros, se saí não sei. Para mim saí-me muito bem pois comi por três dias, tirei a barriga da miséria é o quanto basta.

O jantar de ontem abalou o meu sistema filosófico, já devo ter andado umas quatro léguas do quarto pro sanitário, até parece que estou treinando para ser campeã de corrida. Estou satisfeita, muito mais digna é uma morte por indigestão do que de fome ou atropelada num momento de distração no movimentado tráfego da cidade.

As coleguinhas também estão na fila do sanitário, e pior é que já não tem papel higiênico, agora só tem jornal cheio de notícias escabrosas e algumas alvissareiras e que nos deixam cheia de interrogação, por exemplo: tive a oportunidade de ler em uma de minhas idas ao gabinete sanitário que os chineses lançaram uma nave à lua, portanto ao todo são três países a disputar a lua. Eu me pergunto: Que farão os chineses na lua? Me veio uma idéia que abrirão uma lavanderia a seco, um restaurante e a lua conhecerá a potência do pastel e da lavagem a seco. Na lua em letras garrafais: "Lavanderia Chinesa" mais adiante "Beba Coca-cola", em seguida "Assista Hoje o Maior Ballet do Mundo, Pavlow". Os magnatas do maior país do mundo comprarão passagens a prestação, irão desfrutar acompanhados de

elegantes senhoritas nos fins de semana. Haja pastel, haja Coca-cola, haja ballet e lavanderia na lua. Morro de inveja! Não me chamem de boçal, detesto usar jornal, vou usar o bidé. Dizem os homens da ciência que jornal dá hemorróida. Vou trocar de roupa, não encontro a blusa que eu queria vestir, Marly me disse que Ana América vestiu e foi para aula. Nem me consultou, não faz mal, hoje eu não mando nem no meu intestino, nem no meu humilde ânus. A Marly me perguntou se eu tenho coragem de almoçar hoje. Almoço hoje, amanhã e depois, assim tenha comida. Deixe a lua prá lá já que não penetra nem em certos lugares da terra. Ontem durante o jantar o Fernando não tirava os olhos de cima de mim, acho que já está desconfiando que estou cheia. Disse que eu estava muito gorda, imediatamente respondi que ia ficar muito mais. A conversa ficou aí pelo ar. Até hoje não me sai dos ouvidos os sons do acordeão da missionária tocando Asa Branca, foi o que eu pude desconfiar por uma nota, é que era Asa Branca. O cachorro grunhia fazendo côro, chegava mesmo a urrar, me disse a Iracema que o cachorro chorava de ver tanto esforço por parte de sua dona que após quinze anos numa academia de acordeão conseguiu tirar Asa Branca. Não satisfeita com o acordeão deu uma de declamadora de poemas com um fundo musical também de acordeão. Haja saco no mundo para carregarmos não só as nossas imbecilidades como as dos demais que nos cercam. Que Deus seja louvado!

A noite brilhante da missionária, foi a véspera de minha diarreia e da notícia da nave chinesa. Fazia muito tempo que eu não lia jornal, que eu não sabia o que ia pelo mundo, hoje eu sei alguma coisa, é ótimo, mesmo sem poder tomar nenhuma providência, nem mesmo tomar parte. Meu lugar hoje é no sanitário onde

terei oportunidade de observar as aranhas tecendo e pegando môscas. A parede do sanitário escrita por grandes pensadores da atualidade que por falta de imprensa imprimem nas paredes do sanitário, quebrando a monotonia do primeiro infeliz que levado por forças superiores aguenta o cheiro do coletivo em desgaste, em seguida dá sua descarga e volta para o quarto com os miolos cheio de coisas proveitosas e o rosto lavado de suor frio. Nesses dias em que o homem é escravo de suas tripas e não manda no seu próprio corpo, disse alguém que a desgraça do corpo é a língua, hoje eu digo: a desgraça do corpo é o ânus. Ontem eu tinha vontade de chorar o dia inteiro, não chorei de dia por falta de tempo e local, à noite durante o jantar as lágrimas me vieram à tona, não pude controlar, uma colega de restaurante olhou para mim, olhou outra colega e começou a cantar: "Eu queria chorar meu pranto baixinho". Limpei rapidamente o rosto e me fiz de gripada. Não se deve chorar em público, até para se chorar tem que se escolher local e hora onde não haja ninguém para nos perturbar com perguntas ou até mesmo cantar. Para mim o lugar mais indicado para se chorar é o cemitério onde podemos esvaziar a bexiga lacrimal a vontade. Escolhemos um túmulo seja lá de quem fôr e choramos os nossos problemas por conta do falecido sem que sejamos perturbados e tomados por neuróticos. Não deixamos os miolos de ninguém com perguntas, por que diabo ela chora? Se não se tem local de chorar o melhor é não chorar, chora quem pode. Mas deixemos choro pra lá já que no momento não estou sentindo nenhuma vontade nem de rir nem de chorar, como hoje chove muito, deixo que o tempo chore por mim e por todos, já que não tenho local nem tempo, que o tempo se encarregue desta tarefa. Pelo visto teremos o dilúvio de Noé, que a chuva derrame e encharque suas lágrimas

no verde da grama, e poupe um pouco os meu sapatos que de tão encharcados me pesam nos pés como se fôsem uma tonelada de sapatos. Mesmo estando quase sem sola, visto estarem gastos demais, é melhor assim pois pesa menos. Um frio imenso toma conta de minha carcaça, tenho que partilhar desse sentimento do tempo que transforma minha simulada gripe em realidade mundial. Mundial, eu disse mundial porque a gripe tomou conta de minha cabeça e da cabeça de um mundo. E agora com as narinas entupidas, a cabeça me doendo, tremendo de frio eu posso esquecer outros problemas e pensar no imediato — enxugar a cabeça tomar um comprimido, deixar os sapatos enxugarem e pegar nova chuva. Tenho que sair e não se tem trégua. Chora, chuva, para que a terra em tempo tire proveito do seu pranto. Depois da tempestade vem a bonança. Só não acredito que volte a sola do meu sapato, em compensação o sapateiro ganhará dinheiro consertando-o. Até logo.

* * *

O homem era pequenino, de repente crescia, crescia, ficava um gigante, não comportava dentro do telhado. O nariz do homem. A bôca do homem, o homem engolindo carros. O homem sumia. Um suor pegajoso a escorrer do meu corpo, pesado e leve ao mesmo tempo. As paredes do quarto caindo por cima de mim. Um carro que corria em minha direção. Eu corria, corria, subia em árvores, as árvores caíam por terra. Eu estava tão cansada, que não queria mais lutar. O carro não me pégava, só queria brincar. A ponte, o rio lá embaixo. Lá vinha o carro. A ponte tão estreita, eu me joguei no rio, dei um grito, acordei tôdas as colegas. Não caí n'água, comecei a rir, estava deveras cansada. Por que diabo eu sonhava tudo aquilo? Aquilo seria pesadelo ou

alucinação? Eu queria uma explicação. Pra que explicação? A mente humana, o subconsciente, o consciente, o sub-solo do subconsciente, sei lá, deixe isso pra Freud. O que teria despertado realmente êste interêsse de interpretar tudo em Freud? Vá à merda Freud com sua ciência, e tudo mais que não resolve meu caso. Acho que estou com um pouco de febre, deve ser dêste resfriado que apanhei no aguaceiro de ontem. Devo estar carente de vitaminas, A, B, C, B12 e de todo o alfabeto. O alfabeto foi a coisa mais chata de minha vida de criança. A professôra com o auxílio da palmatória em punho aclarava minha inteligência de criança desinteressada, gritava a todos os pulmões, pegava um papelzinho, fazia um furo, cobria as outras letras e perguntava o nome da descoberta, eu, às vêzes tinha um bom palpite, outras vêzes eu já estava com os miolos fervendo, achava melhor apanhar logo os bolos que era da obrigação da professôra aplicar e da aluna tomar e dar por encerrada a tarefa do dia. Por aquêle dia chegava de alfabeto e de gritos no meu pequeno tímpano. Da displicência ao estudo passei a odiá-lo. Queria ser um passarinho, porque passarinho não ia a escola, sabia voar pelo céu todo e pousava nas nuvens de algodão que faziam figuras pelo céu, andavam por cima do sol e da lua. O sol nem saía do céu, tomava banho no rio. A mãe do sol nem ligava, deixava o sol andar por onde quizesse. Eu tinha vontade de tomar banho no rio, eu queria acompanhar palhaço de circo, para o palhaço fazer uma cruz em minha testa e de noite eu ver o espetáculo de graça, ver os homens subir nos trapézios e dar saltos enormes, as mulheres engolindo fogo, os ursinhos dançando. Minha mãe era chata. Dizia que o banho no rio dava xistossomo e, mesmo assim eu tomei escondido, achei tão gostoso, cheguei em casa tomei uma surra, fiquei com ódio de minha mãe. O sol tomava ba-

nho de rio, e não morria nem nada. Quando eu crescer vou embora. Um dia eu fugi na companhia de meu irmão, acompanhamos o palhaço de circo, êle fêz a cruz em nossa testa, eu cobri a minha cruz com a imensa franja que eu tinha, na hora do banho, minha mãe descobriu, lavou e me deu uma surra, disse que quem acompanhava palhaço de circo era moleque de rua, mata-cachorro de circo. Em meu irmão ela não bateu, porque era homem. Êle foi ao circo, eu fui dormir odiando minha condição de mulher, jurei a mim mesma passar embaixo do primeiro arco-íris que aparecesse para virar homem, eu queria fazer tudo que o meu irmão fazia, era muito chato ser mulher. Não se podia fazer nada. Minha mãe era chata, a professôra era chata, minha avó outra chata, a zeladora da igreja uma fuxiqueira, chata velha, horrorosa. Quando ela morresse, fôsse pro inferno — mas ela não podia ir para o inferno porque varria a igreja, sabia rezar, andava de vestido comprido, fita azul no pescoço. Deus gostava de gente chata, Deus era chato, só porque a gente queria brincar, não queria ir à missa, êle mandava a gente pro inferno, para o diabo enfiar o espêto quente na bunda da gente, eu tinha mêdo. O mundo só seria bom se tirassem Deus a zeladora da igreja, a professôra e o alfabeto. Quem não sabe o alfabeto é analfabeto. Seu Pedro vaqueiro era analfabeto, quando tinha de receber dinheiro, seu pai sujava o dedo polegar de seu Pedro de tinta, apertava o dedo no papel, entregava o dinheiro a êle. Seu Pedro pegava mico para mim e uma vez me trouxe um filhote de tatu vivinho pra eu criar, me prometeu trazer periquito, eu ia fazer um zoológico. Por que não deixam eu ser analfabeta? Seu Pedro não era? Seu Pedro não votava, pra que votar? Besteira de gente grande, querer votar. Votar não tinha nenhuma graça nem sentido para mim. Bom mesmo era tomar banho de rio e acom-

panhar palhaço. Meu pai gostava de acompanhar homens que iam ser prefeitos e deputados. Armavam palanques no meio da rua, coisa mais sem graça e meu pai ainda batia palmas e gritava — já ganhou, já ganhou!... Eu ficava bêsta, por que meu pai batia palmas e gritava? Bom mesmo era acompanhar palhaço de circo, ser mata-cachorro de palhaço é melhor.

* * *

Filho querido, agora que todos os colegas já têm conhecimento de sua existência, estou quase tranqüila, já tendo dois presentinhos para você, foi da Vanda e outro da Isabel. Parece que as duas estão me admirando e respeitando minha atitude. A Teresinha que não é capaz de ser sincera nem mesmo estando bêbada, uma pessoa que eu nunca fui a cara, nunca me sentei para bater papo, virou-se pra mim e teve o desplante de dizer: — você está bem gordinha. Respondi sêcamente — estou grávida. Ela perguntou — Casou-se? Respondi — não, mas o método foi o mesmo. A mesma ficou sem jeito e disse: eu queria ser como você. Perguntei e por que não é? Não tenho coragem, foi o que respondeu. Vanda voltou da biblioteca, abriu o caderno, começou a ditar para mim. Comecei a escrever. O farrapo da Teresinha ficou uns minutos parada, depois me beijou e saiu. Contei a Vanda e ficamos estudando, depois fomos fazer um lanche na cantina, lá estava a Teresinha com o seu bem amado, não tirava os olhos de cima de mim, foram chegando outros colegas, terminamos o lanche e voltamos para estudar. Não me saía da cabeça um diálogo de umas senhoras que com “frenesi” discutiam sôbre uma curra que leram na reportagem, não sei onde. Em dado momento uma delas se inflamou, depois de falarem que o rapaz, o namorado da vítima

havia levado a môça pro apartamento e lá dentro havia mais dois que participaram do banquete não só sexualmente como em cortar os seios da môça e outras coisinhas que complementam o prazer sexual dos mais viris e requintados, em taras que faziam ou fazem parte de suas personalidades inovadoras e amigas da originalidade que por certo só Freud saberia, ou pelo menos teria a curiosidade de pesquisar. O que é fato é que senti que as senhoras falavam com minúcias o crime tão colorido e sensacional. Uma delas chegava a entrar em orgasmo e talvez mesmo lamentasse não ser a vítima dos cavaleiros do sexo. A mais exaltada deixava clara sua inveja dizendo que a môça era uma descarada, visto que tinha ido para apartamento de rapaz solteiro, que o homem não (a palavra homem é por conta da oradora) tinha forçado a mesma e que ela tinha ido porque quis, que não era nenhuma inocente e apostava que a môça não era virgem (jurou até por Deus) e nem nada, que homem era isto mesmo. Fiquei observando a mente feminina da respeitável e casta senhora com ímpetos de dar-lhe um sôco na cara. Achei a opinião da distinta pior do que o fato, contei até dez e cheguei a conclusão: Ou a elegante senhora é lésbica ou tem loucura para ser currada. Olhei as suas pelancas e pensei: esta vaca velha pode andar sôzinha pela madrugada que nenhum tarado terá apetite por certo. Nasceu virgem, virgem, virgem e morre virgem. Só os vermes nos cemitérios comerão suas pelancas e membranas, sem nenhum prazer, só por obrigação de verme. Verme come verme. Se não fôsse êsse tipo de mente o mundo seria lindo. A burrice e a estupidez estragam tôda a beleza da vida. Por enquanto só tenho lhe contado histórias tristes, muito breve lhe contarei uma historinha: "Alice no País das Maravilhas" ou então um conto: "Se os homens dessem as mãos".

* * *

Filho querido, no fim do próximo mês nos encaremos, estou ansiosa por ver seu rosto, olhar seus olhos, pegar suas mãozinhas, beijar sua cabeça e escutar seu primeiro choro. Por que será que nascemos chorando? Mêdo de sermos independentes? Eu me pergunto e não respondo nada. No mundo não é concebível vida normal sem choro. Chore, se você não chorar o médico lhe baterá, é preciso chorar. Uma criança perfeita chora logo que nasce. Nascer, viver, morrer. Do mistério do nascer e do morrer ninguém conta de sua experiência. Do nascer do dia em que se depara com o mundo entra em contacto com tudo estranho que o rodeia com a primeira visão de sua genitora de como se sentiu diante do tempo. Nem eu, nem você, nem ninguém. Morrer na ânsia de viver tão apegados as coisas e a terra numa luta incessante do saber conquistar, do subir, da segurança. E um belo dia, sem que queiramos com a ciência lutando para eternizar o homem, a vida foge com tôda fôrça, deixando apenas a sombra de um homem que não sabia conter a vida. Em seu momento derradeiro o homem se transforma. Acho que a dor da morte deve ser a maior dor que o homem sente. Por vêzes ao exalar o último suspiro nota-se duas lágrimas — será só de dor? de saudade ou de fraqueza? Nada sabemos, nunca entrevistamos um morto nem um recém-nascido. Nada sabemos, sôbre nossas impressões do nascer e nem do morrer. Nascemos e morremos sem usar a palavra, apenas lágrimas e esforço para ambas ações. Ambas sôzinhas, na companhia de homens que pouco podem fazer. Viver sim. Sabemos que viver é sofrer, é sorrir, é chorar. Protestar, apanhar, silenciar. Depois aceitar todos os momentos cruéis com resignação e dignidade... Ou então lutar até tomarmos com

dignidade, deixando a lembrança de um homem digno de si mesmo. Quando não se pode viver com dignidade deve-se morrer. A ciência luta para prolongar a vida do homem. Eu me pergunto. Que seria do mundo se os homens fôsem eternos? Me respondo: o mundo seria um inferno. Cada um com botas de ferro, cheio de arrogância, pisando a cabeça do próximo com medo de ser pisado. Os bens materiais, fariam dêste animal a fera do planêta a se morderem mutuamente. Os infelizes carregariam as desgraças por uma eternidade. O armazém dos bens seria abarrotado e cada um pertenceria a seus bens e dotes pensando ser os possuidores. Felizmente só se leva um estreito caixão. O homem esquece que nem as chamas das celas lhes farão ver os seus pertences. No momento derradeiro que os familiares levem bem depressa para não sentirmos o mau-cheiro. Acabou o dono da verdade, acabou o miserável que sonhou com dias melhores. Apagou-se o revoltado que lutou por vida mais digna. Apagou-se o homem descrente e cansado. Apagou-se o abastado com tôda a posição. Apagou-se o carrasco, apagou-se o mendigo sem atestado de óbito. Apagam-se todos. Silêncio. O caixão desce a terra. Joguem-lhe o último punhado de terra. Cadê as rosas meio murchas para os que tiveram. Cadê o toque do silêncio. Enterre-se o passado, respeito, lágrimas, apagaram-se as velas. A vida findada. Dorme o sono eterno que os vermes não perguntarão quais foram seus atos. São apenas vermes a serviço da natureza. Todos os esqueletos são iguais. Na côr, na imobilidade, no silêncio. Os acompanhantes voltem para suas casas. Acabou-se o homem.

* * *

Por que você se agita tanto nestes últimos dias? Já não há mais espaço? Calma, eu lhe suplico. Estou

tão cansada. Minha vida foi tão agitada. Tem pressa de conhecer os homens e o mundo? Está ansioso por começar vida própria ou está cansado de mim? Nem eu nem você sabemos. Não agimos por nossa conta. Estamos sujeitos à lei da natureza e coagidos por problemas outros. É como se expurgássemos nosso pecado de querermos existir. O preço da vida é muito alto. Somos indefesos e o resgate de tudo é quando nos apagamos. Se é que existe outra vida, como será? Com o céu sempre azul, com o inferno sempre quente, qual será o passaporte? Será o maior a burocracia de entrada e saída no céu, no inferno ou no purgatório? O juiz receberá propina? Por que será que pensamos em outra vida? Por que será que desejamos Deus como juiz e advogado ao mesmo tempo? Será que queremos Todo Poderoso para suprir nossas deficiências? Têrmos compensação de uma vida que nem sequer passou de embrião? Para que êste Deus sopra fora nossas mesquinhas, nossas covardias, como se Deus fôsse um aspirador de pó, sôbre um móvel coberto de poeira e cupim e nos deixar limpos, novos, puros, bonitos e desejáveis, ornamentando o céu radeado de anjos, ouvindo a divina música lá em cima olhando para o inferno e gozando o sofrimento de nossos inimigos que nos pagam com juros? Pobre de nós, queremos Deus como nosso criado, quando nem nos aguentamos em nós mesmos. Criamos um Deus severo para os outros e um Deus condescendente e cego para nós mesmos. O Deus soberano, nós transformamos num delegado de polícia, na testemunha, no policial, num médico, num advogado, num carregador, num carrasco. Queremos em fim um Deus a nosso serviço, o nosso tutor e guarda-costas. Nos dizemos respeitar êsse Deus, confiar com fé e amor, fazemos força e acabamos usando a nosso modo. Já não sabemos usar e respeitar o nosso eu, que nem sequer chegamos

a acreditar em nós mesmos. Será que Deus precisa, deseja essas almas? Pobre de Deus conosco, pobre de nós com Deus. Estamos a milhas de distância. Deus soberano desejando, protegendo, tutelando o farrapo humano. Farrapo humano desejando ser a semelhança de um Deus todo poderoso e que ainda por cima é juiz. Os homens pensam no juízo final com um tribunal todo seu, contam com seu lote no céu e isto é bom para os que não possuíram na terra. Pensamentos, divagações, mistério. É tudo tão complexo nestes últimos dias, é como nos primeiros dias de você estar comigo. Eu e você somos um só. Você está comigo, eu estou com você. A natureza assim o quis, assim seja. Depois romperá o meu ventre, você é você; eu sou eu, estamos às milhas de distância. Você é a vida que começa, eu a vida que sucumbe. Nunca teremos o mesmo pensamento. Nunca viveremos a mesma época. Nunca teremos o mesmo interesse. Minha experiência só serviu para mim. As suas servirão para você. Os meus padrões de moral e deveres, direitos e idéias serão superados para você. Tenho que lhe respeitar a aceitar você com o seu tempo, mesmo que eu não progrida com você, não quereirei que você regrida ao meu tempo de transição e tão difícil, onde não encontramos explicação para quase nada. A hora é do medo, da agressão e da descrença. Que a sua era seja a era da inteligência entre os homens, pois só assim estarão em comunhão com o amor, aí então Deus existirá de fato e o mundo será bem limpo e lindo. Floresça com toda sua geração em um mundo de paz e equilíbrio e assim então morrerei rindo...

* * *

Filho querido tenho ainda muito a lhe falar, o pior é que não sei como falar e por onde começar, mui-

to menos onde devo silenciar, tenho pensado muito nesses últimos dias. Acho que envelheci fisicamente e amadureci mentalmente. Tomei inteiro conhecimento da minha responsabilidade. Não digo que temo por ela, porque de uma coisa estou certa, saberei agir com prudência e sinceridade diante de você. Não me colocarei como uma mártir, muito menos heroína, não estou a lhe fazer nenhum favor, nem farei de você um animalzinho de minha estimação sobre o qual mantereirei ordens, não lhe proíbo de nada, farei compreender seu papel no mundo, o peso e o preço de seus atos. Não lhe proíbo porque não desejo um filho mentiroso, recalcado, revoltado e tolhido do seu eu. Antes quero saber o que fez, o que pensa, desejo antes de tudo ser sua amiga e confidente mais velha. Não exijo que me ame, porque sou sua mãe. A opinião de que uma mãe é coisa sagrada, é caduca, não quero que você seja o devedor de minha gestação e da dor do parto, do sacrifício que ora atravesso. Não é preciso que me renda homenagens, quero tão somente que seja digno de si mesmo, que respeite os demais para ser respeitado, que tenha deveres para ter independência. Que pense primeiro para falar e agir, sobretudo não negue a verdade, não seja daqueles que amigo não tem defeito e inimigo não tem qualidade, que a sua justiça não tenha dois pesos e duas medidas. No mundo ninguém é perfeito, isso é um fato. Todavia, não é desculpa para que vivamos na covardia, no fracasso, culpando este ou aquele, muito menos, tirando nossos erros e colocando nos outros ou achando sempre que a culpa de nossas falhas cabe a terceiros. Não silencie na hora de falar. Não se faça líder se tem compromissos pessoais para não levar os que lhe confiam ao caos. Não ocupe cargos que não estejam à altura. Não seja ridículo, conheça suas limitações.

Até-logo, vou arrumar a sacola para ir à chácara de uma amiga passar este fim de semana, escutando música, terminando sua roupinha humilde e tão bonitinha, parece roupa de boneca. Pensar que você vai vestir, parece brinquedo, falta tão pouco para você vestir... sorte minha que você vai nascer por estes dias e coincidam com minhas férias. Assim minhas horas de vigília poderei dormir de dia para recuperar o sono. Ando tão cansada, tomara que terminem as provas logo e que você venha logo no outro dia.

* * *

Andei muito no fim da semana que passei na chácara, andei por todo o terreno, visitei o aviário, fui à horta, visitei o apiário, observei o movimento das abelhas entrando e saindo nos cortiços, vinham para o cortiço com as patas cheias de miolos de flôres. Infelizmente não pude ver o que se passava dentro do cortiço. Voltei a outro cercado e fiquei sentada sobre a ponte, olhando os patos no riacho, tranqüilo e fresco a deliciar os patos. Os patinhos dando seus primeiros treinos pareciam bolinhos de algodão sobre a água formando círculos. Acho que não existe nada mais sereno que patinhos no riacho, devia ser o símbolo de tranqüillidade. Desejei você nascido para olhar que beleza o riacho, a ponte e os patos. Faço questão que você conheça, tenho certeza que você irá gostar. Me sentei e fiquei horas esquecida, botei os pés em cima de um tronco e pude ver que estão bem inchados, acho que estou perdendo albumina. Hoje estão menos inchados. Só que urino a toda hora, não sei se é psíquico, não faz mal, falta bem pouco para meu físico estar normal, é o que espero, não estou com medo nem nada. Ninguém morre de parto nesses últimos anos, é tudo tão fácil,

a ciência evoluiu e eu estou confiante, mesmo em maternidade pública lá estarão colegas do Restaurante Universitário e isto é bom, tenho quem me trate com carinho e venha bater papo comigo. Depois de amanhã tenho uma pesquisa de folclore para trabalho prático da faculdade, já estou pensando, ando com preguiça de andar e um desânimo horrível. Você pesa uma tonelada dentro de mim. Já nem posso dormir direito com sua agitação e peso. Boa-noite pra você.

meirelle

nº 424

06/08/2007

Argila bem mole, nuvens brancas caminham pelo céu, a queda da cachoeira, mal-me-quer, bem-me-quer, vôo da borboleta, cego de feira cantando, retirantes no pau-de-arara, taipa de casa, ninho de beija-flor, o tanque de Pedro Macaco com duas temperaturas e cerca de arame ao meio limitando os terrenos. O rio enchia, cobria a ponte, levava a cerca do limite inteirinha. Coisas que me cercaram toda a infância e que sempre me interessaram. Para mim sempre foram novas. Com argila mole eu fazia seres humanos — a professora, a zeladora da igreja, meus conhecidos. Em geral deformava quando não gostava da pessoa. Mostrava a meus amiguinhos, ríamos e eu desmanchava tudo, começava outras imagens em movimento. As nuvens faziam figura pelo céu e povoavam minha imaginação, se desfaziam e em seguida tomavam outras formas novas. Os cegos de feira contavam histórias para mim cantando, acompanhados por sanfona, dando colorido à história. Os paus-de-arara cheio de retirantes me enchiam de inveja, era gente que fugia da seca em rumo da felicidade, vida bonita, alegre, cidades lindas, o mato correndo, correndo, o carro seguindo, seguindo por cima das pontes, descobrindo outra gente — o mundo era todo colado! A cachoeira

parecia chuva de prata num mato sem dono. Nascia da imensa pedra barrenta, mas não sujava a água. Os carneiros vinham beber água, o gado também. Nós crianças tomávamos banho. Bem embaixo, a água batia em nossa cabeça e escorria pelos pés. Os carneiros e os bois bebiam bem juntinho de nós, ninguém tinha medo. As casas de taipa eram construídas nos dias feriados, todo mundo junto, cantando, envarando a armação da casa, carregando barro, água, cantando samba de roda. Meio-dia comiam fatada, bebiam cachaça com limão, com o sol se pondo o rancho estava pronto, cheirando a terra molhada, o sol se encarregava de secar para que fôsse possível habitar pessoas e insetos. Grilos cantando no telhado, o galo cantando no terreiro, criança pedindo pão, violeiro em noite de lua cheia, novena de Santo Antônio — eis o mundo da casa de taipa com vida e colorido. Meus pés descalços, espetados, cheios de frieira atrás de ninho de beija-flor. As borboletas coloridas. A tardinha, o sino tocava à hora do Angelus, eu voltava pra casa correndo com o sapato na mão, o coração batendo com força, sabia que ia apanhar. O vestido estava sujo, com nódoa de pinhão, eu gostava de fazer bola com leite de pinhão. As vezes perdia o sapato e era horrível. Minha mãe falava o ano inteiro, me ameaçava não comprar sapato para mim, nem pelo natal. Até hoje odeio o natal, a sua música me faz chorar. Pra que natal? Por que dia das mães? Eu não gosto destes dias. Gosto de carnaval e São João. Estas sim, são festas para todos. Mesmo os que não participam não são magoados por privações. Há muito já tirei do meu calendário estas duas datas festivas. Comecei a odiar o natal através da figura de Papai Noel que nunca me deu brinquedo. O dia das mães, comecei a odiar quando vi algumas colegas de pensionato, órfãs de mãe, tirarem o dia pra chorar. Lembro-me de um fato na véspera de

natal que me deixou profundamente chocada. Um rapaz de uns quinze anos entrou em uma livraria e ao som da música natalina, também quis participar do natal. Apanhou um cartão e foi flagrado roubando. Fechou-se a livraria e o mesmo foi levado pelo braço do policial embaixo de pancada e olhares ao som da música "Noite Feliz" foi conduzido à delegacia de Roubos e Costumes. O movimento da livraria continuou como se nada tivesse acontecido. E agora, nesse instante eu ouço a música natalina irritante e insensível fazendo parte da exploração comercial, aumentando a angústia da solidão, seguindo os passos dos autômatos que povoam este vasto mundo. As vitrinas nevam na boçalidade de país tropical onde o sol derrete asfalto e as criaturas aflitas na obrigação de fazer ceia natalina. Vou apagar as luzes. Não quero dormir. Eu quero chorar. Já não controlo meu pobre ser cercado de incoerência. A crueldade mental tomou conta de tudo. Eu procuro a saída, perdi a coragem, perdi a fé. Onde anda a ilusão que me trazia de pé? Se foi... é horrível. Ela não volta mais. Se nesta noite que avança fria e cinza alguém me desse a mão até que o sol viesse, talvez eu contivesse o meu pranto, acreditasse numa saída, uma mão que fingisse, e me fizesse acreditar em Deus, amor... Eu não seria esse farrapo aniquilado. O amanhã seria mais lindo, mais alegre. Por favor, alguém dê-me sua mão, afaste-me dessa escuridão, dêse quarto. Escute o meu pranto limitado a quatro paredes, transformado em tûmulo frio e tão escuro. Esse quarto tem ódio de nós dois, porque somos indefesos. Eu choro, ninguém escuta, todos dormem. Todos estão ocupados. Ó Deus dos outros por que não tira as criaturas que enfeiam o seu mundo? Por que me deu sentido? Por que não limitou minha visão? Por que não me fez estéril? Que farei eu deste pequeno ser que se agita em mim? Desculpe tanta per-

gunta. Ouça-me. Ajude-me. Eu não tenho com quem dialogar. Se é um Deus tão bom, faça-me voltar a paz, seca-me estas lágrimas, dê-me o próximo dia feliz. O que eu quero é tão pouco para um ser onipotente; devolva-me a ilusão, a coragem, a fé, a alegria, a felicidade que se foi. Dê-me força para estender os braços e receber meu filho.

* * *

Me doem pernas, cabeça e quadris, é como se fôsse corrente de chumbo que eu estivesse arrastando. Uma ansiedade imensa nesses últimos dias mudou todo o equilíbrio físico e psíquico. A solidão se instalou em mim parecendo uma tortura acompanhada pelo tique-taque do relógio da eternidade. Hoje sou apenas um fardo. A condenada de mim mesma. Oxalá que venha a compensação de todo o meu estado destes quase nove meses de inquietação e ansiedade. Faltam apenas dias para o desfecho de tudo, para a mudança de problemas, amanhã irei ao médico olhar tudo e falar tudo. Talvez ele me dê alívio. Hoje tirarei esta faixa que nos aperta mutuamente como uma camisa de força que detivesse os fatos. Mesmo sabendo o que todos já sabem, (eu digo), não sei porque insisto em usar esta faixa. Talvez queira me apoiar em alguma coisa. Agora parei de chorar, estou trêmula, não sei como será amanhã com a pesquisa de folclore que tenho que fazer. Vou ver se consigo me deitar. Amanhã pela manhã, vou ao médico, à tarde vou estudar, a noite irei assistir ao tal samba de roda no morro, irei com colegas. ALBERTO nos levará em seu carro. Graças à DEUS este é o último trabalho da faculdade.

Filho querido fui ao médico contei tudo o que sentia e pensava, falei que parecia que eu já não era mais

eu, segurei a mão do mesmo e pedi: escute-me, faça-me pensar com nexos, não deixe eu continuar neste desânimo, faça-me parar de vomitar este vômito inexplicável. É como se eu quizesse vomitar todo o meu passado e presente, até minhas vísceras e meus pensamentos. O médico ouviu tudo em silêncio, me abraçou encostando minha cabeça contra seu peito e ordenou: não tenha medo, farei tudo por você, farei o seu parto, tudo será bom, seu filho lhe encherá de felicidade e será só seu. É natural seu estado de ansiedade; a psicologia da gestante explica tudo isso. Uma gestante age como uma criança e precisa de carinho. Por favor pense só em seu filho. Tomou minha pressão, disse que havia uma queda, pegou o papel e começou a escrever. Pedi-me que eu esperasse que me levaria de carro até a minha casa. Disse-me que não demoraria de sair, obedeci. Atendeu mais duas clientes, pegou em minha mão e saímos até o jardim aonde estava estacionado o carro. Entramos no carro, fomos pela Avenida Beiramar, passamos por uma farmácia, paramos e ele comprou uns remédios e um estôjo de presente para você. No estôjo continha talco, sabonete, uma loção e uma escovinha de cabelo. Fiquei como uma criança abobalhada e quis chorar, o mesmo ordenou, não chore, faça de conta que eu sou o pai de seu filho, e somos casados e tudo está normal. Seu filho tem um pai parteiro e pediatra, está bem? Fiz com a cabeça que sim. Ele me puxou para junto de si, passou a mão pela minha cabeça e perguntou: Deixa eu ser padrinho de seu filho? Abracei-me com ele e fiz que sim com a cabeça. O carro continuou, estacionamos numa praia e descemos até a areia. Passamos bem uma hora, eu não disse uma palavra, ele conversou o tempo todo e disse que também era filho de mãe solteira. Tive vontade de botá-lo no meu colo, pensei você médico, dando a mão a alguém.

Já passava do meio-dia, convidou-me para almoçar, aceitei, voltamos ao carro e seguimos rumo à sua casa. Chegamos lá, abriu o pacote tirou os remédios, apanhou água e me deu. Ligou uma radiola e perguntou que tipo de música eu queria ouvir, se clássica ou popular. Respondi clássica, de preferência: Bethoven. Mandou que eu deitasse no divã, folgasse minha roupa, tirasse os sapatos e fechasse os olhos. Fiquei meio sem jeito, todavia obedeci porque necessitava obedecer a alguém. Disse-me que morava só com a empregada, a casa é sua, chamou a empregada e mandou servir o almôço. Perguntou depois se eu queria tomar banho, insistiu e eu tomei. Voltei do banho me sentindo outra. Durante o banho eu pensei muito, cheguei à conclusão que apesar dos pesares o mundo é lindo e cheguei a acreditar na bondade humana. Almocei relativamente bem, depois do almôço êle me levou ao viveiro e me mostrou uma variedade de pássaros bem cuidados. Disse-lhe que infelizmente não podia demorar porque tinha aula à tarde. Pediu-me que não fôsse aquela tarde à aula; fiquei e me senti tranqüila. Convidou-me para passar uns dias em sua casa, alegando que eu precisava de alguém perto quando começasse a sentir as dores e me acompanhar à maternidade. Falei que ia pensar, êle ponderou que queria apenas me ajudar e que se eu aceitasse êle se sentiria muito feliz. Acrescentou: pense só em você e na criança. Não pense nos demais, não pense no que eu pensarei ou não a seu respeito, não se importe com mais nada, confie em alguém pelo menos, arrisque um pouco de confiança em mim. Quis me despedir, êle falou que me levaria, tirou o carro da garagem, ligou a máquina, peguei os remédios, entrei no carro e seguimos até meu pensionato. Quando saltei, êle pegou em minhas mãos e disse: estou lhe esperando, amanhã quero a resposta positiva, pense bem em tudo direitinho,

nada de chôro, ok? Cheguei a rir, êle pediu a receita do meu riso e disse eu quero assim, sorriso de criança, olhar de criança, voz de criança, assim cuidarei de duas crianças.

Ontem agi como uma criança, hoje estou mais segura e mais calma. Tenho pensado muito se vou ou não para a casa do médico. Ontem na Faculdade conversei com minha colega a êsse respeito. A pesquisa foi adiada para a próxima semana porque o professor pretende ir conosco. A dona do pensionato tem sido muito discreta comigo; à noite chamou-me para ouvir uma passagem da Bíblia. Era a seguinte: "Bemaventurados os que têm sede de justiça", um negócio assim. Conversou bastante comigo, mas não tocou no meu assunto. Falei que talvez tivesse que passar uns dias fora, que iria fazer uma viagem para umas pesquisas regionais no alto do S. Francisco. Como ela não me perguntasse nada, enceramos o assunto. Conversei com outra colega a respeito do convite do médico, ela acha que eu devo ir, que seria uma boa solução. Considerou que no pensionato seria tudo mais difícil para nós, não via nada de mais se eu aceitasse o convite. Se eu quizesse me acompanharia até a casa do médico e iria sempre me ver. Teria mais tempo pois não tínhamos mais provas a fazer. Quanto à pesquisa se eu não pudesse ir, ela faria o trabalho por mim. Agradei, dizendo-lhe que eu faria sem nenhum problema a pesquisa. Hoje responderei ao médico aceitando seu convite, não vejo outra solução. Tomara que êle passe por aqui para saber a resposta, conforme combinou. Vou arrumar as malas e sairei com êle como se nada tivesse acontecendo, o resto vem depois. A maternidade nos acolherá por dois ou três dias, não faço a menor idéia do tempo, não vamos pensar no amanhã. Recebi uma carta de casa, veio por mão própria, minha

1971-HL-HA-001-001-158

mãe manda dizer-me que fecharam o correio, ainda mais essa! Tenho que procurar contrerrâneos para responder às cartas e receber algum dinheiro que venha de casa. Porque será que o correio fechou? Para atrapalhar minha vida, só pode ser. Mamãe na carta diz que está ansiosa pelas minhas férias, está com bastante saudade de mim, não sabe de nada do que está se passando comigo. Nas minhas cartas digo sempre que tudo vai bem e que estou com saúde e paz, doce mentira...

* * *

Filho querido, as coisas tomaram outro rumo, seu padrinho foi me buscar e aqui estou já não sinto medo da hora do parto, já não me sinto só. Seu padrinho me disse que assim que V. nascesse eu iria trabalhar com ele em um hospital particular. Mudou a maternidade onde V. nasceria para um hospital particular que ele dirige, nem perguntei aonde era, na hora eu vejo. Bendito ser humano que levantou minha moral. Bendito ventre que gerou este ser que ora me dá a mão, bendito meu ventre que ora lhe gera, bendito seja o calendário que avança, bendito seja a implacável natureza que me faz mãe. Vou descansar um pouco esta tarde, ficarei sòzinha, irei olhar tôda a sua roupinha sem ninguém por perto. A empregada é muito gentil e discreta, nada me perguntou a não ser se eu queria alguma merenda por que ela precisava sair, mas logo voltaria. Entretanto, disse-me que na geladeira tinha leite, laranja ou outra bebida que eu quizesse. Seu padrinho saiu dizendo que ia trabalhar e que eu ficasse à vontade. Perguntou-me se eu queria ir a um cinema e despediu-se até a noite. Estou tão sem jeito aqui, o que eu quero mesmo é que você venha rápido e eu comece a traba-

1971-HL-HA-001-001-159

lhar e a estudar. Amanhã irei ao hospital olhar sua posição e como anda o meu estado geral. Foi o que me disse seu padrinho quando eu falei que tinha um trabalho de pesquisa a fazer. Vou descansar ouvindo música suave e vendo o mar daqui da janela. Ando como uma sonâmbula ou uma boneca de corda a disposição de seus donos. Quando será que me encontrarei? Onde e como? Onde andará meu eu? Nunca havia me imaginado assim...

* * *

Desliguei a radiola, abandonei a janela com o mar e o céu, me deitei e dormi como quem morre. Dormi pesado e firme, foi ótimo. Agora que estou acordada me lembrei que há muito lhe prometi contar uma historinha infantil. Vou esquecer todos os problemas, vou contar a historinha. A história de uma menininha que sonhava demais. Começa assim: era uma vez uma menina pobre, filha de um dono de uma quitanda, que tinha muitos filhos e morava em uma vila bem atrasada. Na vila só tinha um grupo escolar, uma igrejinha, uma pracinha com um jardim. Passava um rio bem pertinho onde a menina gostava de botar barquinhos de papel e ver a corrente do rio levar, já ia esquecendo de dizer o nome da menina, o nome era Maria. Maria era bem pintona, era loura, usava duas tranças e franjas. Gostava de ter amigos, tudo queria saber e perguntar. Quando chegou a idade escolar, o pai de Maria botou na escolinha. Maria foi aprendendo geografia e chegou a conclusão que o mundo era grande, começou a sonhar em conhecer outras gentes, em estudar na capital. Ora, o pai de Maria era bem pobre e não podia mandar Maria para nenhuma capital. Quando Maria terminou o curso primário ficou louca para ir para o ginásio. Pe-

1971-HL-AA-001-001(20)

diu ao pai e ele respondeu que não podia por não ter dinheiro. Maria ficou triste e um belo dia resolveu escrever à espôsa de um deputado pedindo uma bolsa de estudos. Era época de eleição e Maria recebeu a resposta da carta, dizendo que Maria podia ir estudar na capital. Maria saiu correndo para a quitanda, mostrou a carta ao pai. Ele consentiu que ela fôsse.

* * *

Maria foi à casa do pai de uma amiga, mostrou a carta. O pai da amiga de Maria era advogado, incentivou bem e disse que prepararia a mesma para fazer admissão. Maria começou a estudar, imediatamente todo o programa de admissão, fêz um parco enxoval e no mês de novembro rumou para a capital, lá chegando, pegou o ofício da bolsa e foi ao colégio. Quando chegou, pediu para falar com o diretor e foi conduzida pelo secretário até o diretor do estabelecimento. O diretor era um velhinho muito bom e amigo. O nome dêle era Ernesto. Maria entregou o ofício, o velhinho leu, em seguida disse a Maria que lamentava muito, mas já não tinha mais internato, porque o govêrno não tinha pago as bolsas dos alunos existentes e agora só tinha externato. Maria começou a chorar. O velhinho disse que se Maria quizesse estudar externa, podia vir que ela ficaria e nada cobraria. Maria não podia ficar porque não tinha onde morar. De repente Maria se lembrou de sua antiga professôra que tinha se aposentado e tinha ido morar bem pertinho do colégio. Aceitou a oferta do diretor, se inscreveu no curso de admissão e foi morar com a professôra. Fêz exame e passou, ficou frequentando o colégio e estava bem feliz. Era querida por professôres e colegas. Maria era tão alegre que anoitecia cantando e adormecia rindo. Como Maria não tinha

1971-HL-AA-001-001(21)

dinheiro para pagar a professôra com quem morava, a professôra começou a se aborrecer e tratar Maria muito mal. Um dia, vendo que Maria não se mudava convidou Maria a sair de sua casa, alegando que precisava da cama para uma sobrinha que viria morar com ela. Maria saiu, foi à casa de um deputado, amigo de seu pai e contou tudo. O deputado mandou o chofeur com Maria, apanhar as bagagens e ficou com Maria que ia de vento em popa. Maria sofria rindo, Maria progredia no colégio, Maria sonhava, Maria já estava um môça feita. O deputado casou-se em segundas núpcias, Maria já não tinha onde morar, foi para um pensionato e sofria, sofria. Maria vestia ponta das amigas, mas Maria sonhava, sorria, sonhava. Já farta de sonhar com estudo, trilhando o caminho da dificuldade, Maria sonhou com seu príncipe encantado. Foi num dia de quinta-feira que Maria conheceu seu príncipe encantado. Ele era lindo. Maria já estava na universidade e ficou muito contente. Maria adorava olhos verdes, gostava de gente inteligente. Maria sonhava, Maria floria. A imaginação de Maria despertava para o amor, doce amor. Maria de mãos dadas, Maria abraçada, Maria beijada, Maria amada, Maria nas areias da praia, Maria nos jardins da universidade. Maria sorria. Mas Maria era pintona, sonhou, dormiu nos braços de seu amor tôda nua numa doce e expressiva oferta. Maria mais próxima. Maria mais doce, a lua mais linda. Maria recebia uma flor, Maria era amor.

O ventre de Maria crescia. O amor de Maria fugiu. Maria chorou. O fruto do amor surgiu na solidão de Maria. Os olhos verdes ficaram embalando nos braços. Maria cantou. Não é bonita a história de Maria?

Gostou da história? Espero que tenha gostado.

É incrível que no mundo tão vasto, ao que tudo indica não havia lugar para mim e eu saí empurrando os demais para ocupar um pequeno espaço. Não faz mal, eu ocupo, já que vim. Por enquanto vou me arrumar para esperar os colegas que passarão aqui para me apanhar para a pesquisa. Obtive permissão do seu padrinho, achou meu estado ótimo e disse-me que você ainda demorará uns oito dias para vir. Assim sendo farei minha pesquisa sem ocupar ninguém e talvez faça uma higiene mental ou talvez mesmo não faça nada de aproveitável. Hoje nem ao menos sei quem sou eu, se sou. Uma vontade imensa de sair voando e pousar onde não conhecesse ninguém. De preferência que não falasse meu idioma. Estou cansada de mim mesma, e é horrível. Enfrentei-me diante de um espelho, constatei minha presença física, redonda como uma pata, inexpressiva figura de um metro e cinquenta centímetros, transformada em uma bruxa de pano indesejável. A bruxa com aspecto de vida que precisa de calor humano. A bruxa que luta por duas vidas. Esta mulher que tentou viver por si, que acreditou em valores morais e intelectuais, hoje, agora, é tão somente um farrapo a ordenar-se a si mesma, força, coragem. Você precisa olhar pra frente. Com o tempo a bruxa passa, serei novamente a mulher que agora morre em mim. É esta esperança que me traz de pé. Que assim seja. Esta dependência total me irrita terrivelmente. O maior desejo do homem é a independência.

* * *

Os colegas vieram me apanhar de carro, o percurso foi bem grande, quando lá chegamos, fomos bem recebidos, era gente humilde e se divertiam com samba de

roda. O espetáculo era bem colorido e musicado. Todos estavam esquecidos dos problemas, crianças e adultos dançavam com o chapéu na cabeça cheio de flôres. Os chapéus eram trocados em evoluções de dança e na mudança da música do pandeiro, acordeão ou violão cantavam em três vozes. Rodas dentro da roda. Fiquei pensando, me perguntando, onde aprenderam rítmica? Onde aprenderam tantos passos e compassos, como criaram melodias tão lindas, sem conhecer nem uma nota musical, como têm uma coordenação coletiva tão segura? Com que pureza se divertiam. Alegria de existir sem compromisso do porquê faziam ou deixavam de fazer folclore autêntico. Arte autêntica de gente simples e sadia de espírito. O carro não pôde chegar até em cima. Era impossível a entrada de veículo, fôsse qual fôsse. Os colegas dispensaram os táxis, descemos e subimos ladeiras, casebres enfeitados de papel crepon de uma casa para outra. Era a pobreza colorida dentro da alegria da inconsciência. O representante do local era um senhor de meia idade cheio de vida, falador e gentil. Arrumou uns banquinhos para todos nós. Nos serviu uma bebida com bolinhos. Eu havia esquecido o meu eu, quando de repente um suor frio percorria o meu corpo, uma cólica horrível aos poucos tomou conta de mim. Eu mordida os lábios, fazia força para que passasse a minha cólica. Chegou a um ponto que eu não me controlei, chamei uma colega e participei que não me sentia bem. O dono da casa foi providenciar um chá e um escalda-pé bem quente. Deitaram-me em uma cama. Alguns colegas achavam que eu devia meter o dedo na garganta para vomitar. Continuei mordendo os lábios. Os colegas depois de tentarem o chá e escalda-pé resolveram subir o morro, procurar um telefone e chamar a ambulância que demorou uma eternidade.

O suor me jorrava como uma cachoeira. De minhas pernas corria água e sangue ao mesmo tempo. Carregaram-me pela ladeira acima em cortejo até onde estava a ambulância, me colocaram deitada. Duas colegas sentaram-se a meu lado. A sirene começou seu som estridente e irritante. No percurso do morro fêz-se o cortejo com a sirene anunciando que num samba de roda, nascia Ernesto Guerra, filho de Maria Guerra, sem pedir licença, na alegria, no colorido, na melodia, no samba da vida, na roda da vida, na vida da roda.

HAILIL LINHARES.

1971-42-AA-001.001-(28)

1971-42-AA-001.001(27)

Composto, impresso e plastificado na oficina da
Editôra Mensageiro da Fé Ltda.